

APRESENTAÇÃO

Charles NODIER (1780-1844)

Victor HUGO (1802-1885)

Gérard de NERVAL (1808-1855)

Théophile GAUTIER (1811-1872)

Auguste VILLIERS DE L'ISLE-ADAM (1838-1889)

Arthur RIMBAUD (1854-1891)

Jules LAFORGUE (1860-1887)

Jacques PRÉVERT (1900-1977)

Michel TOURNIER (1923-)

Neste número o leitor irá encontrar alguns grandes nomes da poesia e da prosa francesas do século XIX, além de dois autores de grande projeção no século XX.

Houve, inicialmente, o desejo de celebrar os 150 anos de nascimento de Arthur Rimbaud que se deu em 1854, bem como os de morte de Gérard de Nerval, ocorrida em 1855. A posteridade desses dois poetas reconheceu a grandeza de sua obra, determinante para os rumos que a poesia tomou na modernidade e nos movimentos de vanguarda, ao indicar os itinerários que ela iria percorrer, sobretudo a partir do século XX, e não apenas na França.

Em Nerval – Souvenir et rêve dans *Sylvie*, Fúlvia Maria Luíza Moretto aponta as grandes questões que levanta a obra de Nerval: o trabalho da memória, o tratamento dado ao tempo subjetivo, interior, o significado do sonho são questões suscitadas por Nerval que a articulista aborda ao analisar essa bela narrativa. Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto trata da última obra do escritor, *Aurélia*, que suscita ainda outros temas como a viagem que fez ao mundo dos mortos pela passagem do sonho. Ainda uma vez, por meio de um relato entrecortado, a mistura do cotidiano com o devaneio, o sonho e o delírio torna impossível a

reconstituição do percurso narrado. Jogo em que o autor parece ter prazer de envolver seu leitor. Finalmente, o artigo de Norma Domingos, *El Desdichado* de Villiers de L'Isle-Adam também vai lembrar Nerval pois, em seu poema em prosa com título nervaliano, de 1867, Villiers cria já o esquema de seu conto “*Souvenirs occultes*”, publicado em seus *Contes cruels* em 1883. Domingos analisa o poema de Villiers para abordar alguns aspectos poéticos da linguagem do autor e apontar a intertextualidade que ele estabelece com o poema de mesmo nome de G. de Nerval publicado em *Les Chimères* em 1854.

Arthur Rimbaud foi lembrado aqui em dois momentos. Adalberto Luís Vicente vai buscar em um caderno escolar do poeta os seus primeiros textos conhecidos, e que nada mais são do que exercícios de redação, trabalho de tradução e de versão latina. Através deles, vê-se que a formação literária de Rimbaud se faz pelo pastiche, refusão de estilos e de textos que já manifestam certos motivos ou elementos estilísticos os quais, retrabalhados, vão se encontrar nos seus grandes poemas. Por outro lado, em meu artigo, A Modernidade de Rimbaud, observo que um pouco mais tarde, aos 16 anos, em 1870, o jovem poeta toma conhecimento dos parnasianos e logo começa a escrever poemas marcados pela influência desses poetas. Entre eles, alguns são partidários da arte pela arte e, outros, da arte pelo progresso, mas todos se voltam para o futuro e tentam ressuscitar um passado idealizado. O jovem Rimbaud tem confiança no futuro e no Progresso e é movido por eles que escreve a Carta do Vidente, na qual expõe ao amigo Paul Demeny os princípios e a prática da nova poesia como ele a deseja e que servirão de ponto de referência, com frequência, à poesia futura.

Entre os demais autores do século XIX aqui apresentados, temos Charles Nodier, cujo universo frenético Ana Luiza Silva Camarani aborda em Delírios românticos. Conhecendo inglês e alemão e sendo atraído pelos romances góticos ingleses, por Byron, Nodier foi dos primeiros escritores a refletir, na França, sobre o fantástico, o frenético, que surgem em suas obras antes mesmo que os contos de Hoffmann sejam traduzidos para o francês, no início do século XIX. Erica Milaneze, em O sagrado e o diabólico em *La morte amoureuse*, de Théophile Gautier, e em *Die Elixiere des Teufels*, de E.T.A. Hoffmann, lembra que o escritor alemão exerceu importante influência nos jovens autores do romantismo francês que queriam se libertar das regras sociais, morais, religiosas e políticas de seu tempo, servindo-se, para isso, da imaginação, da fantasia, da sensibilidade. Exemplo disso é a proliferação da literatura fantástica na França que encontrou em Théophile Gautier, grande admirador de Hoffmann, um

contista sensível que, como Nodier, busca nos relatos de sonhos um refúgio para suas angústias e inquietações. Como bem aponta Milaneze, “a morte, as projeções do desejo, os objetos que se animam e que muitas vezes renascem das profundezas do tempo e do espaço, os duplos” são alguns dos temas que povoam essa obra, bem como, diríamos, as dos outros autores franceses que cultivaram o fantástico naquele século.

Saindo do terreno do fantástico, encontramos um artigo de Mauri Cruz Previde sobre A vereda de João – Traços de *Bildungsroman* em *Les Misérables* de Victor Hugo. O articulista busca, aqui, apontar aspectos do romance de formação nessa obra de Hugo voltando-se para o desenvolvimento moral do protagonista Jean Valjean, seus traços picarescos presentes nas astúcias e nas máscaras que utiliza para enfrentar as provas morais que se apresentam no decorrer de sua vida. São elementos que, ao lado da presença, ainda, de um preceptor na figura do bispo de Digne, Don Bienvenu, permitem, completa Previde, que o romance de Victor Hugo possa contribuir “para a formação do leitor do século XXI”.

Último autor daquele século publicado neste número da revista, Jules Laforgue é abordado por Andressa Cristina de Oliveira em A Presença do Mito de Salomé na literatura simbolista/decadentista francesa. Como o título descreve, a articulista trata das recorrências daquele mito bíblico nas diferentes visões e versões do pintor Gustave Moreau e dos escritores J.- K. Huysmans, Gustave Flaubert, Stéphane Mallarmé e, mais detalhadamente, de Jules Laforgue.

O próximo artigo, sobre Da Folio à Bibliophilie: o mundo dos livros em poemas de Jacques Prévert, de Éclair Antonio de Almeida Filho, trata do trabalho do poeta com os livros que, segundo ele, deve servir como suporte e veiculação para as mais diversas manifestações artísticas. Na verdade, observa Almeida Filho que os livros de Prévert parecem conter muitos outros, num desdobramento que aponta para a formação de uma biblioteca cujos livros se remetem uns aos outros.

Finalmente, em *La Sainte et le Monstre*, Norma Wimmer faz uma leitura de *Gilles et Jeanne*, de 1983, do autor contemporâneo, filósofo de formação, Michel Tournier. É da perspectiva de Gilles de Rais, que oferece um contraponto a Jeanne d'Arc, que Tournier conta a história da menina e santa. Como faz em seus outros livros, o autor reconhece a história apontando suas lacunas, preenchendo-as para que possam ser analisadas e interpretadas pelo leitor. Encara sua função

de escritor como a de retomada dos mitos, história fundamental que todos conhecem e que lhe cabe reinventar, por meio de empréstimos a documentos, para enriquecê-la. *Gilles et Jeanne* é apenas um exemplo que situa Tournier entre os autores da fase final do século XX.

Guacira Marcondes Machado